
PARTE II

Missionação no Império
Colonial Português
teorias historiográficas
e novas metodologias de investigação

COLÓQUIO INTERNACIONAL
NA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO ALMEIDA GARRETT

Coordenação
JOSÉ AUGUSTO MOURÃO
MARIA DE DEUS BEITES MANSO

Com o apoio do
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Estudos

Apresentação

A Igreja é, de raiz, missionária e vai continuar a sê-lo, no meio de todas as vicissitudes históricas por que passou. Impondo valores antigos e adaptando-se aos novos valores encontrados, a Igreja foi um dos agentes mais responsáveis pela criação do Império Colonial Português. Da adaptação ao confronto construíram-se realidades políticas, sociais e culturais que ainda hoje predominam. Ao longo de quatro séculos, esta foi a característica mais marcante de uma Igreja que buscava servir a Deus e aos Homens, através da conversão dos povos à sua mensagem.

Aqueles que se interessam pelas questões do Império sabem que estas não resistem ao estereótipo de uma expansão meramente geográfica e comercial. Acabam por se render aos inúmeros vestígios que deixou o *carimbo da Cruz*. A multiplicação de centenários, as comemorações dos centenários de Francisco Xavier, Alexandre Valignano e de António Vieira não deixam morrer a velha aliança com que o Império Português se construiu e que liga a Cruz e a espada.

Se em torno dos Descobrimentos portugueses se disputa a autoria da nacionalidade, ou da primazia, e se discorre sobre algumas particularidades da movimentação e fixação lusa, e se muito se enfatiza sobre os *saberes* que puseram fim à *época das trevas* e à *abertura de novos mundos*, no domínio da circulação missionária estas questões esbatem-se, parecendo ganhar mesmo uma maior unidade. Ainda que muito do processo missionário tenha sido controverso: diferentes metodologias missionárias e diferentes contribuições espirituais e

materiais, no entanto, o que visivelmente sobressai é o cuidado da Salvação do *Outro*.

Perante o desconhecido, e não obstante o peso do saber dogmático que as diferentes instituições durante séculos transportaram, o Homem criou mitos, ficcionou mundos e experiências que gradualmente se vão desvanecendo ou fortificando na sequência do *encontro de civilizações*.

Se o cruzamento de interesses económicos e políticos se tem manifestado de uma forma mais visível na historiografia onde o comércio e o lucro se tornaram o sujeito desta aventura ultramarina, o mesmo não se aplica aos aspectos culturais e religiosos. Esta parte da História foi, durante muito tempo, ocultada. O que não podia ser iludido encontrava-se no interior da própria Igreja que desde sempre emparelhou a sua actividade missionária na construção do Império com a actividade da escrita. Aí está o depósito de inúmeras cartas, biografias ou outros registos narrando factos, acontecimentos e realidades culturais que se tornam hoje imprescindíveis para o conhecimento e aprofundamento da cartografia das Missões e para o conhecimento da História que mais particularmente foram envolvidas neste processo..

É verdade que a dimensão do Império ditou abordagens e fixações díspares, e nem sempre a colonização se fez com o estandarte da espada, mas da cruz. Se em 1415 se inicia uma empresa militar e comercial onde nos espaços conquistados ou desabitados se tentava edificar uma estrutura política ou administrativa igual à do Reino – embora saibamos que havia ajustes –, outros espaços havia em que, devido à escassa população portuguesa e à dimensão do Império, isto não acontecia – o que é mais visível no Oriente – acentuadamente a partir da costa oriental da Índia, onde, segundo a tradição, se encontravam os Cristãos de S. Tomé. Assim, graças à presença expressiva de missionários, foram-se introduzindo os valores da civilização ocidental, onde o Cristianismo chega pela primeira vez, como foi, por exemplo, o caso da China, do Japão, de Timor. Se em alguns espaços o número de conversões foi uma realidade, ainda que efémera, outros houve em que a presença missionária não passou de uma mera estada diplomática e cultural. Nem sempre o processo foi homogéneo. O missionário nem sempre era o “representante régio” que muita da historiografia pretende validar e nem sempre cumpria as orientações missionárias da Ordem a que pertencia. O movimento missionário, por vezes, também foi diverso na sua aplicação concreta, baste lembrar os *Ritos Chineses* e *Malabáricos*.

Torna-se pois evidente, e disso testemunham os textos aqui publicados, a necessidade de colocar novas interrogações e novas formas de escrita historiográfica em torno das “missões”. Importa sobretudo compreender os diferentes modos do processo, lugar onde se cruzam mentalidades, comportamentos, hábitos, formações de territórios e grupos culturais e religiosos. Temos de eliminar a tradicional antinomia entre a perspectiva do colonizado e a do colonizador, afim de olharmos para o papel interactivo e dialógico que estes dois grupos desempenharam na criação de uma nova práxis cultural. Urge também discutir alguma terminologia de que a história eclesiástica se apropriou e que, no entender de alguns estudiosos, é anacrónica. É disso exemplo o conceito de *missão* e de *missionário*; ou ainda a discussão de outras concepções, como a de *aculturação* e de *adaptação*; ou a sua contribuição para a troca intercontinental de plantas e para o melhoramento de técnicas de cultivo e o seu contributo para a arte e para a música. Urge, portanto, ensaiar novas análises, integradas no vasto plano da estratégia missionária, política e cultural, tanto do ponto de vista da acção do ocidental como do *outro*. Não se trata apenas de escrever uma “nova história das missões”, mas tão-somente de reinterpretá-la a partir de um outro quadro conceptual.

Este livro que agora se edita com o título *Missionação no Império Colonial Português: teorias historiográficas e novas metodologias de Investigação* é somente um muito pequeno contributo para a discussão da história das missões ultramarinas e resulta da entrega de alguns textos apresentações no colóquio que em 2006 foi organizado em Lisboa sobre o tema.

JOSÉ AUGUSTO MOURÃO

Universidade Nova de Lisboa/CECL/ISTA

MARIA DE DEUS BEITES MANSO

Universidade de Évora/NICPRI.UÉ

